

• 7 JUN 1986

# Epidemia de Omissões Saúde

A população brasileira vê-se ameaçada de pagar um preço exorbitante pelo acúmulo de omissões e erros cometidos na esfera da política de saúde. Houve um momento em que o progresso nessa área parecia ter conduzido a alguns resultados gratificantes. Epidemias que antes ceifavam milhares de vidas e inutilizavam outras tantas para as atividades produtivas foram tidas como erradicadas e não havia por que duvidar do seu desaparecimento. Permaneciam grandes manchas de sombra, mas as estatísticas justificavam um modesto otimismo até mesmo em questões como a da mortalidade infantil, com sua pesada cadeia de motivações sociais.

Hoje estamos diante da triste evidência de que a curva da saúde brasileira, que vinha em discreta ascensão, entrou a declinar. O sinal mais alarmante do descontrole é o retorno, em alguns casos com características que podem tornar-se dramáticas, de epidemias que no mínimo se julgava sob estrito controle. Não estavam. O que os fatos estão trazendo à luz é que houve um afrouxamento generalizado das medidas sanitárias, sem o que o desfecho seria fatalmente a involução.

As periódicas campanhas nacionais de vacinação contra a paralisia infantil foram consideradas, na prática, como suficientes, para espantar de uma vez para sempre a enfermidade. E eis que a poliomielite reaparece em surtos perigosos, especialmente em estados do Nordeste, onde as autoridades confessam que mesmo as espasmódicas jornadas de imunização não eram tão amplas nem tão satisfatórias quanto se apregoava.

Os mosquitos transmissores da febre amarela e uma série de doenças de natureza semelhante foram deixados à vontade em sua viagem nada clandestina das áreas de fronteira para as regiões metropolitanas. Não se ignorava a sua presença. Havia a consciência do mal que poderiam causar em uma cidade como o Rio, com suas precárias condições sanitárias e seus precedentes de disseminação. Mas nada se fez localmente para evitar risco a caminho. Em consequência do jogo de empurra entre esferas de poder, o Rio está

de volta à constrangedora situação da época em que Oswaldo Cruz enfrentava paus e pedras para fazer o seu saneamento.

Igualmente injustificável é o recuo que se traduz no crescente número de mortes por picadas de cobras venenosas, em contraste com a modernização das atividades rurais, a dilatação da fronteira agrícola e o avanço da urbanização pelas grandes extensões onde antes havia florestas e pântanos. Nessas circunstâncias descobre-se que na capital do país os hospitais não dispõem de uma única ampola de soro antiofídico e que os laboratórios destinados à sua produção estão à beira do colapso.

Diante desse quadro de deterioração pode parecer que não se gasta com saúde. Gasta-se muito, direta e indiretamente. Mas gasta-se mal. Nas últimas décadas o Brasil investiu fortunas para fornecer centenas de milhares de diplomas a estudantes de medicina. Onde estão os médicos? O que fazem efetivamente? Qual o seu nível de qualificação? Ergueram-se hospitais para deixá-los fechados ou em funcionamento mais que precário. Destinaram-se milhões de dólares à aquisição de aparelhos sofisticados para equipar estabelecimentos públicos sem condições de utilizá-los, mas a falta de esparadrapo é crônica na rede de postos da Previdência, dos estados e dos municípios.

Do mesmo modo que no setor educacional investimos na multiplicação de universidades enquanto deixávamos o ensino fundamental a pão e água, também na área da saúde pusemos o carro adiante dos bois. E ainda há quem pressione para que esse modelo, em vez de ser submetido à severa correção, seja radicalizado com a absorção de todo o sistema de saúde pela máquina do Estado. O que este tem a fazer é pôr em funcionamento aquilo que já está sob o seu controle. Sanear e prevenir, estes sim, são os seus deveres irrecusáveis neste momento em que as ameaças à saúde da população vêm de todos os quadrantes. Se o sistema estatal não é capaz de cumprir a mais elementar de suas obrigações, como ousa candidatar-se ao monopólio de toda a medicina nacional?